

## África: espaço de conflitos

Como estudamos neste capítulo e nos anteriores, a África é um continente cheio de conflitos desde os tempos coloniais. No entanto, nas últimas décadas, pela consolidação da democracia em muitos países, os conflitos no continente se reduziram. A seguir, vamos conhecer alguns dos confrontos mais graves e recentes da África.



### Primavera Árabe

As influências da cultura ocidental sempre foram mais marcantes nos países da África Setentrional, por causa da proximidade física e histórica com a Europa. Foi nessa região que eclodiu, em 2011, a Primavera Árabe, um conjunto de movimentos de revolta popular contra governos autoritários. Esses movimentos resultaram em um dos maiores conflitos geopolíticos ocorridos na África desde a Guerra Fria.

A Primavera Árabe ocorreu primeiramente no Egito, depois na Tunísia e na Líbia, espalhando-se pelos países do Oriente Médio. Desde então, esses países têm enfrentado instabilidade social e a indefinição quanto ao seu futuro político.

### Sete anos de frustração desde a eclosão da Primavera Árabe

Sete anos depois da eclosão de uma onda revolucionária no mundo árabe, apenas a Tunísia consolidou seu processo democrático no norte da África e Oriente Médio. Foi justamente no menor país do Magreb que teve início a insurreição regional que ficou conhecida como Primavera Árabe. O estopim foi o ato desesperado de um jovem vendedor de frutas que ateou fogo ao próprio corpo em protesto contra a opressão. A autoimolação de Mohamed Buazizi, que havia tido seu carrinho e suas mercadorias confiscadas pela polícia em 17 de dezembro de 2010 na localidade de Sidi Buzid, desencadeou uma revolta popular que forçou o ditador Zin el Abidin Ben Ali a fugir do país. Foi a primeira de uma série de revoluções que varreria uma dúzia de nações nos meses seguintes, mas todas as demais continuam sendo autocracias mais ou menos rígidas, como o Egito, ou se transformaram em Estados falidos, caso do Iêmen e Líbia, ou viraram sangrentos campos de batalha, o caso da Síria.

Os dois Estados hegemônicos que encarnam as duas grandes correntes do islamismo – Arábia Saudita, sunita, e Irã, xiita – influenciaram algumas dessas revoltas, e as potências globais também aproveitaram para marcar sua presença em um arco muçulmano que vai do Atlântico ao golfo Pérsico. A Primavera Árabe, conceito que serve para fixar o olhar em um período de mudanças, desembocou em uma nova guerra religiosa no âmbito islâmico, encenada como guerra mundial de baixa intensidade na Síria. Embora a corrente revolucionária tenha fracassado, e quase todos os seus brotos tenham minguado, algumas transformações foram introduzidas para sempre no cotidiano de jovens e mulheres e, acima de tudo, abriu-se a janela da comunicação através das redes sociais.

SANZ, Juan C. *Sete anos de frustração desde a eclosão da Primavera Árabe*. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/16/internacional/1513454978\\_043457.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/16/internacional/1513454978_043457.html)>. Acesso em: 10 dez. 2019.

## Sudão e Sudão do Sul: divisão territorial

Na primeira metade do século XX, o Sudão pertencia a um consórcio anglo-egípcio, até conseguir sua independência, em 1956. Trata-se de um país caracterizado por conflitos, decorrentes do contato entre etnias e culturas diferentes, e por disputas econômicas, relacionadas especialmente ao controle dos territórios petrolíferos.

O Sudão vive em guerra civil há quase meio século, o que causou cerca de 2 milhões de mortes. O poder é exercido por muçulmanos de origem árabe, com a aplicação da rigorosa lei islâmica – a Sharia. Mas o regime tem enfrentado forte resistência.

No oeste, em Darfur, a disputa é contra os negros muçulmanos que formam a população local. A guerra, cujo apogeu foi em 2003 e 2004, causou perto de 300 mil mortes e deixou cerca de 3 milhões de deslocados, em sua maioria atravessando a fronteira em direção ao Chade. Segundo a ONU, houve um verdadeiro genocídio praticado por milícias islâmicas contra os negros de Darfur, o que provocou a maior crise humanitária dos últimos tempos. Um acordo de paz foi selado em 2006, mas os campos de refugiados ainda permanecem e necessitam de ajuda humanitária.

No sul, onde a população é de negros que seguem seitas tradicionais, a guerrilha separatista contra o domínio muçulmano começou em 1955. Somente em 2002, iniciaram-se os diálogos de paz mediados pela ONU e pela União Africana. Após aprovação em consulta popular (referendo), a independência dos povos do sul foi aprovada, entrando em vigor em 9 de julho de 2011. Desde então, há dois países: o Sudão, essencialmente islâmico, e o Sudão do Sul, que ficou com 22,3% do antigo território (619 745 km<sup>2</sup>) e cerca de 25% da população (10 milhões de habitantes) constituída por diversos grupos de estrutura tribal.



Fonte:  
IBGE. *Atlas geográfico escolar*. Rio de Janeiro, 2012.  
Adaptação.

Embora o Sudão do Sul, cuja capital é Juba, tenha sido oficialmente reconhecido, ainda persistem conflitos entre forças rebeldes, além de pendências com o Sudão, sobretudo porque as grandes reservas de petróleo estão localizadas no sul. Desde que começou a ser explorado em 1999, o petróleo se tornou o principal produto do Sudão, respondendo por 98% das exportações do país. Entretanto, a maior parte das reservas petrolíferas locais se encontra no Sudão do Sul, onde a China vem fazendo grandes investimentos, na condição de parceira comercial do novo país.

Além dos interesses geopolíticos envolvendo a exploração do petróleo, duas outras questões precisam ser resolvidas entre os dois países: a utilização da água da Bacia do Rio Nilo, vital para o Sudão e principalmente para o Egito, e a repartição da enorme dívida externa do antigo país.

5 Aprofundamento de conteúdos para o professor



Avião da ONU no aeroporto de Juba, capital do Sudão do Sul, 2011

## Nigéria: conflitos étnicos

País mais populoso do continente africano, a Nigéria apresenta um quadro natural muito favorável às atividades humanas. Isso porque a Bacia do Rio Niger, com vales fluviais, abrange grande parte do seu território, oferecendo bons solos para uso agrícola.

Muito antes da era cristã, floresceu uma civilização da qual descendem os iorubás do sul, um dos principais grupos étnicos entre os mais de 200 existentes no país, cuja cultura tem traços no Brasil. Muito antes de os colonizadores europeus introduzirem o cristianismo e atraírem as populações do sul, os povos do norte já eram convertidos ao islamismo, no século XI, por influência dos mercadores árabes vindos da Ásia. Entre eles, os hauçás são os mais expressivos. Os minoritários do leste, como os ibos, permaneceram fiéis às suas crenças tradicionais.

Nesse ambiente etnorreligioso complexo e com claras divisões, os ingleses superaram os portugueses na disputa colonialista e se impuseram no litoral, desde o século XVI. Em 1914, o Reino Unido promoveu a junção dos povos do norte e do sul, desconsiderando seus antigos antagonismos, e criou um Estado artificial, que deu origem à atual Nigéria. Em 1960, o país conseguiu sua independência e, em 1963, tornou-se uma república. Desde então, a história da Nigéria tem sido marcada por tensões e disputas internas, causadoras de muitas mortes.

No fim da década de 1960, os ibos se revoltaram contra a hegemonia muçulmana e formaram um país independente, denominado Biafra. Seguiu-se uma violenta guerra civil que durou três anos, até que os rebeldes fossem arrasados (cerca de um milhão de mortos), e Biafra foi reincorporada ao país, em 1970.

A divisão etnorreligiosa tem ficado cada vez mais clara entre o norte muçulmano e o sul cristão. Quem mais sofre com isso são as populações deslocadas e, no fundo, o próprio país, que não consegue sua unificação. É comum milícias cristãs matarem muçulmanos residentes no sul. Em retaliação, os cristãos residentes no norte, principalmente em Kano, são massacrados por muçulmanos extremistas, comandados sobretudo pelo Boko Haram, grupo fundamentalista islâmico com vínculos com o grupo Estado Islâmico. Este atua na maioria das vezes em países do norte da África e do Oriente Médio.



As estratégias de domínio do Estado Islâmico são marcadas por violência, sequestros e atentados terroristas. As ações do grupo vêm sendo combatidas por uma força-tarefa internacional, o que colaborou para o seu enfraquecimento. Ainda assim, segundo a ONU, entre 2013 e 2016, ataques do grupo e confrontos com as forças de segurança mataram quase quatro mil crianças.

Além dos conflitos internos, a Nigéria enfrentou uma prolongada disputa com Camarões, envolvendo a soberania sobre a Península de Bakassi, também muito rica em petróleo. Em 2008, a Nigéria finalmente cedeu a área em litígio ao seu vizinho do sul.

## Geopolítica da África

A descolonização dos países africanos, que ocorreu mais intensamente no período da Guerra Fria, resultou em diversos desafios geopolíticos. Nessa época, muitos colônias iniciaram processos de independência, resultando na criação de vários países. Em certos casos, após a independência, os governos instáveis mantiveram a tendência de exploração dos recursos e da população, bombardeados a seus conflitos étnicos por fronteiras e por recursos resultaram em diversas guerras civis, e muitas delas perduram até hoje.



Soldados franceses durante a guerra pela independência da Argélia, antiga colônia da França, Distrito de Nememcha, Argélia, 1956

O continente africano também esteve envolvido na bipolaridade da Guerra Fria. A África do Sul foi uma tradicional aliada do bloco capitalista; outros países, como Angola, Líbia e Egito, eram aliados do bloco socialista. Na África, muitos conflitos por independência ocorreram nesse período tiveram o apoio dos Estados Unidos ou da União Soviética (URSS), especialmente no fornecimento de armamentos. Um exemplo disso são os movimentos pela libertação de Angola, que se iniciaram em 1975 e terminaram em 2002, intercalados por alguns períodos de paz. Diferentes grupos, cada qual apoiado por uma superpotência e seus aliados, lutaram pela independência do país e entre si: URSS e Cuba apoiavam o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA); e Estados Unidos e África do Sul apoiavam a guerrilha União Nacional para a Independência Total de Angola (Unita).

Paralelamente, na década de 1980, a África do Sul enfrentou as consequências do isolamento internacional em virtude dos desmandos causados pelo regime segregacionista do *apartheid*. Com a libertação de Nelson Mandela e as transformações democráticas advindas de sua eleição para presidente, esse país ampliou seu papel de liderança econômica e geopolítica no continente.

Já o papel geopolítico do norte da África esteve bastante relacionado ao petróleo, produto exportado especialmente para os países europeus, e à proximidade cultural e geográfica com a Europa e o Oriente Médio.